

***Desmodus rotundus* COMO TRANSMISSOR DA RAIVA CANINA E FELINA, NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1998-2000.**

Carriéri, M.L.¹; Favoretto, S.R.L.¹; Carnieli, P.¹; Queiroz, L.H.²; Souza, M.C.A.M.³; Panachão, M.R.I.¹; Harmani, N.M.S.⁴; Kotait, I.¹.

¹ Instituto Pasteur de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

² Universidade Estadual Paulista, Araçatuba, SP, Brasil.

³ Instituto Biológico, São Paulo, SP, Brasil.

⁴ Centro de Controle de Zoonoses, São Paulo, SP, Brasil.

As ações de controle da raiva canina e felina no Estado de São Paulo vêm alcançando êxito, visto que os casos de raiva nestas espécies teve um acentuado decréscimo desde 1995 (169 casos em 1995; 104 em 1996; 11 casos em 1997; 7 casos em 1998; 5 casos em 1999 e 2 casos até julho de 2000). Em relação à raiva dos herbívoros e quirópteros, no entanto, observou-se um elevado aumento no número de focos, com maior abrangência geográfica, sendo que a raiva desmodina vem, também, interferindo no ciclo aéreo, provocando inúmeros casos de raiva em morcegos não hematófagos e, no ciclo urbano, ocasionando 8 dos 14 casos ocorridos em cães e gatos no período de 1998-2000. Ressalta-se que, dos 14 casos ocorridos no período, apenas 9 foram tipificados antígenicamente.

Nos municípios de Franca, Ribeirão Preto e Guaratinguetá (1998); Itatiba e Ribeirão Preto (1999); Joanópolis e Ilha Solteira (2000), ocorreram casos de raiva canina e em Campinas (1999) um caso de raiva felina, cuja tipificação antigênica pela técnica de imunofluorescência indireta, utilizando o painel de anticorpos monoclonais, cedido pelo CDC de Atlanta, identificou a variante 3, originária do morcego hematófago *Desmodus rotundus*.

Trabalhos apresentados por pesquisadores latino americanos já haviam alertado sobre os riscos de transmissão da raiva na predação de quirópteros por carnívoros domésticos em ecossistemas rurais e urbanos. Evidentemente, os riscos de contágio também são determinados por outros fatores tais como: existência de abrigos densamente povoados; alta prevalência da raiva na população de morcegos hematófagos e ocorrência da raiva em outras espécies animais ou em morcegos não hematófagos pela cepa do *Desmodus rotundus*.

Os resultados obtidos no laboratório do Instituto Pasteur demonstram a interferência do ciclo aéreo no ciclo da raiva em animais domésticos urbanos e a visível alteração do perfil epidemiológico da raiva no Estado de São Paulo.

Deve-se ter em mente, também, a importância da vigilância epidemiológica da raiva, especialmente em regiões nas quais a raiva felina e canina estão sob controle.

Observa-se que o vírus vem circulando entre os morcegos hematófagos, que é o reservatório do vírus rábico no nosso meio, e com certeza o animal que mantém e manterá a raiva presente por algum tempo, caso não se adotem ações sistemáticas e contínuas de controle de populações de hematófagos.

A identificação do vírus rábico (variante 3-*Desmodus rotundus*) em morcegos não hematófagos, em algumas regiões do Estado, como Campinas e Araçatuba, precedem ao aparecimento da raiva em herbívoros e animais de estimação (cães e gatos), mostrando a circulação do vírus no ciclo aéreo (morcegos hematófagos/não hematófagos) e sugerindo que os morcegos não hematófagos possam atuar como "sentinelas" para orientar a atuação no controle da raiva dos animais domésticos.

Outra situação que ocorre com frequência é a infecção de morcegos não hematófagos por hematófagos, em regiões com epizootia de raiva de herbívoros. Evidentemente, nestas áreas,

outros animais domésticos podem ser infectados.

As propostas de ações para o controle da raiva em animais domésticos urbanos levam em consideração, inicialmente, a caracterização da região: urbana, limítrofe ou rural. Na seqüência, outras medidas deverão ser adotadas: investigação epidemiológica, identificação de possíveis abrigos e colônias de *Desmodus rotundus*, identificação de outras espécies animais atacadas, entre outras.